



**Universidade Norte do Paraná**

---

**SISTEMA DE ENSINO PRESENCIAL CONECTADO**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**DELCI LUCIA SCHMITZ**

**AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO  
PROFESSOR DE HISTÓRIA**

**DELCI LUCIA SCHMITZ**

**AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO  
PROFESSOR DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à  
Universidade Norte do Paraná - UNOPAR, como  
requisito para obtenção do título de Licenciado em  
História.

Professor Orientador: Taise F. C. Nishikawa  
Tutor eletrônico: Isabel Cristina Picamço M.  
Tutor de sala: Elayne Jocelym

Tangará da Serra MT  
2010

Dedico este trabalho a minha sobrinha Julia  
com muito carinho.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus professores e tutores pela dedicação e profissionalismo.

O Senhor é meu pastor e nada me faltará

SCHMITZ, Delci Lucia. **As competências e habilidades do professor de história.** 2010, 36 fls. Trabalho de Conclusão de Curso de História) – Centro de Ciências Empresariais e Sociais Aplicadas, Universidade Norte do Paraná, Tangará da Serra, 2010.

## RESUMO

Esta monografia analisa as competências e habilidades necessárias ao professor de história, tratando o ato de ensinar como aprendizagem, acreditando que os professores de histórias tem não só a necessidade, mas também a obrigação de possuir as competências e habilidades inerentes a sua realidade e a sua atualidade, considerando que os alunos não são objetos para experimentos ou para práticas educacionais abusiva de sujeitos incompetentes. A formação inicial e continuada do professor deve estar embasada na relação teoria-prática e no desenvolvimento de habilidades de investigação. Num trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas; no desenvolvimento de competências. Constatou que independentemente da conjuntura em que os professores estejam conectados, eles contemporiza usualmente os fatores das dificuldades do ensino especialmente à estrutura social, a atitudes e costumes da família, à origem sócio-econômica da família, às características psicológicas da criança, à própria matéria e o conteúdo, ao contexto escolar. Com o tempo, os professores percebem que o papel que lhes cabe é muito maior do imaginavam em sua formação. Afinal, é grande a responsabilidade de fazer com que os alunos aprendem a exercer sua cidadania, isto é, a reivindicar seus direitos e a ter consciência de seus deveres para com a sociedade.

**Palavras-chave:** História. Professor. Competência. Ensino. Critico.

SCHMITZ, Delci Lucia. **As competências e habilidades do professor de história.** 2010, 36 fls. Trabalho de Conclusão de Curso de História) – Centro de Ciências Empresariais e Sociais Aplicadas, Universidade Norte do Paraná, Tangará da Serra, 2010.

### **ABSTRACT**

This monograph analyzes the skills and abilities needed to professor of history, treating the act of teaching and learning, believing that teachers have stories of not only the necessity but also the obligation to have the skills and abilities inherent in its reality and its current considering that students are not objects for experiments or abusive educational practices of incompetent individuals. The initial and continuing training of teachers should be based on the relation between theory and practice and developing skills for research. In a work of critical reflexivity on the practices, the development of skills. Found that regardless of the environment in which teachers are connected, they usually compromise the factors of the difficulties of teaching especially in the social structure, attitudes and mores of family, socio-economic origin of the family, the psychological characteristics of the child, the matter itself and content, the school context. Over time, teachers realize that their role is far greater than imagined in their formation. After all, there is a great responsibility to make students learn to exercise their citizenship, that is, to claim their rights and aware of their duties to society.

**Keywords:** History. Professor. Competence. Teaching. Critical.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 CAPÌTULO 1 CONCEITOS INICIAIS DE COMPETENCIA.....</b>	<b>14</b>
<b>3 CAPÌTULO 2 COMPETENCIA DO PROFESSOR DE HISTÓRIA NO CENÁRIO CONTEMPORANE.....</b>	<b>19</b>
<b>4 CAPÍTULO 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>25</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>7 APÊNDICE .....</b>	<b>33</b>
	<b>34</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema “Competência e habilidade do professor de história”, deu-se devido o reconhecimento da necessidade de uma formação continuada, pois a inovação dos conhecimentos, surgidos em função das novas tecnologias a disposição do educador, que está sempre presente na vida dos indivíduos, e na vida escolar não é diferente, pois, dentre as tecnologias implantadas na escola, está o uso da informática nas aulas, especialmente de história, os alunos tem acesso no seu dia a dia e questiona os seus educadores a respeito.

Deste modo, são as Diretrizes Curriculares Nacionais que orientam o planejamento escolar e os sistemas de ensino, exibem as normas obrigatórias para a Educação Básica, mostrando as leis, metas e objetivos para a criação do laboratório, e para a utilização da tecnologia e suas inovações no processo de ensino e aprendizagem.

O professor de história hoje deve ter consciência dessas inovações que faz parte do ensino e ele deve saber utilizá-la como uma ferramenta de didática da história aplicada na metodologia de suas aulas de história.

Considerando o acima exposto esta pesquisa torna-se importante, pois o processo de formação continuada tem se apresentado como uns desafios que o professores enfrentam. Nesse sentido esta pesquisa também é de extrema importância social, já que os resultados da pesquisa mostrarão e farão os profissionais a refletir sobre o seu papel enquanto mediadores do processo de ensino aprendizagem.

Tem uma relevância pessoal também, pois o pesquisador que está se formando em história, ao ter em mãos os resultados desta pesquisa, saberá identificar os problemas do processo metodológico e didático, e com isso conseguirá agir com eficácia quando refletindo o seu papel enquanto se que ensina mas também, aprende

Independentemente da conjuntura em que os professores de história estejam conectados, eles contemporizam usualmente os fatores das dificuldades do ensino da história especialmente à estrutura social, as atitudes e costumes da família, à

origem sócio-econômica da família, às características psicológicas da criança, à própria história, ao contexto escolar. Além de identificar dificuldades, especialmente, através das dificuldades de aprendizagem demonstradas pelos alunos.

Na maioria das vezes, o professor de história inicia a carreira docente dividido entre as necessidades pessoais e os valores profissionais, inseguro e por isso, com muito apego ao que lhe foi ensinado. Eles querem ser competentes e ter êxito, mas lhes falta manejo de classe e experiência docente. Tem medo de ousar e correr risco e muitas dúvidas quanto ao quê, quando e como ensinar. E, na verdade, falta-lhes conhecer melhor o que ensinam especialmente no que se refere ao emprego da tecnologia em sala de aula.

Os professores de história sabem que é importante que as crianças construam seus próprios projetos, mas querem que estes saiam iguais aos seus, não dando oportunidade de seus alunos serem criativos e mostrar que são capazes. Desejam que os alunos participem das aulas, mas exigem que eles fiquem quietos e atentos, mantêm uma metodologia rígida preocupados em não sair da zona de conforto.

Aos poucos, os professores de história encontram formas de trabalhar com as velhas e conhecidas dificuldades: os alunos faltosos, os poucos envolvidos e os desmotivados. Aprendem até a lidar com aqueles colegas já entregues ao desânimo e que costuma repetir: “Fiz o que pude; se não aprenderam, a culpa não é minha. E depois, ninguém faz milagre”.

Nesse sentido procura-se desenvolver a uma pesquisa que possibilite compreender quais as competências e habilidades necessárias aos professores de história nesse cenário contemporâneo.

Portanto questiona-se: Quais são competências e habilidades necessárias a professor de história?

Tem-se como objetivo geral a necessidade de realizar uma pesquisa de campo apoiada na pesquisa bibliográfica, para compreender a relevância das competências e habilidades necessárias a professor de história.

Especificamente pretende-se:

- Definir competência e habilidade;

- Caracterizar competência e habilidade;
- Identificar as competências essenciais ao professor de história;
- Identificar as habilidades imprescindíveis ao professor de história;
- Analisar a opinião de autores a respeito das competências e habilidades;
- Relatar apresentando a opinião dos professores entrevistados a competências e habilidades necessárias ao educador na área da história.

Os procedimentos metodológicos são os métodos utilizados pelo pesquisador para a realização da sua pesquisa. Both (2004, p.52), por sua vez, nos explica que:

[...] metodologia é um conjunto, passo e itens para a elaboração do projeto. É um processo de investigação que procura atingir conhecimentos sistematizados e seguro. A metodologia de um projeto caminha em direção do resultado.

Desta maneira, em relação aos objetivos esta pesquisa se caracteriza como descritiva e exploratória, já que irá descrever e explorar os objetos da pesquisa.

Na concepção de Gil (2007) a pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Incluem-se neste grupo as pesquisas que tem por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população e aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis.

Já pesquisa exploratória: o tema a ser estudado remete a algo inédito ou pouquíssimo explorado como trabalho científico e praticamente não se tem hipóteses sobre ele.

Para Gil (2007), estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais claro, sendo que o objetivo principal das pesquisas exploratórias é o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições (aqui entendidas como hipóteses). Vergara (2004) afirma que a pesquisa exploratória é realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado.

Em relação aos procedimentos técnicos a metodologia escolhida para a realização da mesma é a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo porque

propõe estudar a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, e depois haverá levantamento de dados diretamente com os professores de história rede estadual de ensino, através de questionário, o qual conterá perguntas fechadas (com respostas objetivas) e abertas (com respostas descritivas).

Para Gil (2007, p.44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente em livros e artigos científicos”.

No que se refere à pesquisa de campo observa-se que Vergara (2004, p. 47) estabelece a distinção entre as duas ao estabelecer que a pesquisa de campo é realizada no local onde ocorre ou ocorreu determinado fenômeno, ou em um local que disponha de elementos para explicá-la. Consiste na observação de fatos tal como ocorrem espontaneamente.

Lakatos e Marconi (1996, p. 78) apresentam algumas vantagens verificadas na pesquisa de campo, tais como o acúmulo de informações sobre um dado fenômeno para serem analisados por outros pesquisadores, e a facilidade na obtenção de uma amostragem de indivíduos sobre determinada população ou classe de fenômenos.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados Goldenberg (2003, p. 86) afirma que o questionário rigidamente padronizado é aquele que: “... as perguntas são apresentadas a todas as pessoas exatamente com as mesmas palavras e na mesma ordem, de modo a assegurar que todos os entrevistados respondam à mesma pergunta, sendo as respostas mais facilmente comparáveis”.

O questionário conterá perguntas fechadas, que segundo Goldenberg (2003 p.86) “[...] as respostas estão limitadas às alternativas apresentadas.” e abertas, que de acordo com Goldemberg (2003, p.86) são aquelas em que há “[...] resposta livre, não-limitada por alternativas apresentadas”.

E com isso ela configura-se como pesquisa qualitativa, pois, apura opiniões através de questionários, com resultados mais concretos.

A grande vantagem de se usar esta metodologia reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômeno muito ampla, pois terá a afirmação e a confirmação dos fatos pesquisados.

Assim esta pesquisa terá como amostra os professores de história da Escola Estadual Vereador Ramon Sanches Marques da cidade de Tangará da Serra MT.

Nesse contexto é possível atingir os objetivos propostos, conformar ou refutar as hipóteses além de responder a problemática levantada no início desse estudo. Evidenciando a importância da competência e da habilidade para o professor de história.

## 2 CAPÍTULO 1 CONCEITOS INICIAIS DE COMPETENCIA

Ao tratar do sujeito professor de história o item anterior considerou-se necessário verificar as competências essenciais a esse profissional. No entanto cabe primeiramente definir a competência e habilidades, para isso recorre-se a Philippe Perrenoud e as suas imprescindíveis obras, conforme se segue:

Do ponto de vista de Perrenoud (1999, p.7), competência é “uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”.

Parafraseando Perrenoud (1999, p.8), constata que os sujeitos valem-se deles, formam sua integração e mobilizando no momento de produzir determinada ação. “É na possibilidade de relacionar, pertinentemente, os conhecimentos prévios e os problemas que se reconhece uma competência”, esclarece o sociólogo (PERRENOUD, 1999, p.32).

Nesse contexto, as competências vêm a ser aquisições ou aprendizados construídos que necessitam dos recursos do conhecimento e de sua assimilação para mobilizá-los. Trata-se de um processo complexo, cujo significado não é simplesmente o de somar conteúdos de modo a usá-los, envolve, isto sim, discerni-los, selecioná-los, organizá-los e, especialmente, fazer conexões entre eles antes de empregá-los na ação solicitada.

O professor de história em especial deve ter condições para levar o aluno a compreender não só a história, mas todo o contexto que levou a tais acontecimentos. Demonstrando de modo crítico os fatos e levando o aluno a ler nas entrelinhas, exercitando-os na perspectiva de que esse exercício se torne um hábito.

Por isso Perrenoud (1999) considera duas características da competência, que são: “a informação e a capacidade de mobilização da ciência. Competência constitui, simultaneamente, a erudição e a capacidade de mobilização do conhecimento direto a uma situação problema” (MACEDO, 2001, p. 36).

Nessa perspectiva Perrenoud (1997, p.27), informa que profissional é competente por que:

[...] simultaneamente: (a) domina, com muita rapidez e segurança, as situações mais comuns, por ter à sua disposição esquemas complexos que podem entrar imediata e automaticamente em ação, sem vacilação ou reflexão real; (b) é capaz de, com um esforço razoável de reflexão, coordenar e diferenciar rapidamente seus esquemas de ação e seus conhecimentos para enfrentar situação inédita.

Extraordinário também é a abrangência da diferença entre competência e habilidade, que em uma inicial aproximação, estar amarrado do recorte conforme cita Primi et al. (2001, p.19)

[...] resolver problemas, por exemplo, é uma competência que supõe o domínio de várias habilidades. Calcular, ler, interpretar, tomar decisões, responder por escrito, etc., são exemplos de habilidades requeridas para a solução de problemas de aritmética. Mas, se saímos do contexto de problema e se consideramos a complexidade envolvida no desenvolvimento de cada uma dessas habilidades, podemos valorizá-las como competências que, por sua vez, requerem tantas outras habilidades. Qual a diferença entre competência e habilidade de ler? Saber ler, como habilidade, não é o mesmo que saber ler como competência relacional.

Nesses termos acredita que é possível defender que a competência e habilidade necessária aos professores de história devem ser os seguintes:

Com base nos Currículos e na sua formação profissional o professor de história deve ter capacidade de expressar-se escrita e oralmente com clareza e precisão, além de “ler mais, falta ensinar o gosto para leitura; ensinar fazendo; inclusive na disciplina de história ; punição x construção; professor acompanhando; não ter medo de errar” (MACEDO, 2009).

Quanto ao trabalho o sujeito docente da história deve ter capacidade de trabalhar em equipes multidisciplinares, além de:

[...] pouco acontece, porque nem os professores da Licenciatura em história trabalham em equipes multidisciplinares; trabalha-se com poucas aplicações; falta ver a interdisciplinariedade que pode e deve acontecer entre as próprias disciplinas do currículo da Licenciatura em história; é um desafio porque exige que o professor da Licenciatura rompa com a nossa formação (MACEDO, 2009).

Esse profissional deve ter capacidade de compreender, criticar e utilizar novas idéias e tecnologias para a resolução de problemas: “às vezes não temos

estratégias que rompem com a reprodução e gerem a necessidade de buscar novas idéias; são resistentes a tecnologia; não arrisca; e o professor não tem paciência” (MACEDO, 2009).

Acredita também que o professor de história precisa ter capacidade de aprendizagem permanente, sendo sua prática profissional ao mesmo tempo fonte de produção de conhecimento de forma que os “alunos do curso apresentam muitas dificuldades em história básica; grande parte dos alunos que trabalham; mais de 70% das vagas oferecidas nos cursos de Licenciatura em história são oferecidas no noturno” (MACEDO, 2009).

É nessa perspectiva que o docente da área de história deve ter habilidade de aproximar, identificar, formular e resolver enigma na sua área de aplicação, empregando rigor lógico-científico na análise situação-problema, além de:

[...] pesquisa ainda não é realidade na prática; a disciplina de estágio precisa começar a articular a prática à pesquisa; professor precisa buscar ter a prática de pesquisa, o que está muito relacionado à sua formação; resiste ainda à dicotomia entre pesquisa e ensino (MACEDO, 2009).

Não resta dúvida que esse profissional precisa ainda constituir relações entre a história e outras áreas do conhecimento;

[...] conhecimento de questões contemporâneas; educação abrangente necessária ao atendimento do impacto das soluções encontradas num contexto global e social; é necessário ampliar a participação dos alunos em eventos; há necessidade de atualização das bibliotecas, o que pode favorecer a prática da pesquisa; participar de programas de formação continuada; realizar estudos de pós-graduação; trabalhar na interface da história com outros campos de saber (MACEDO, 2009).

Quanto às competências e habilidades próprias do educador historiador, o especialista na área da história deverá ter as capacidades de:

[...] elaborar propostas de ensino-aprendizagem de história para a educação básica: houve avanços significativos; persiste ainda uma maior preocupação com o ensino em relação à aprendizagem; analisar, selecionar e produzir materiais didáticos; analisar criticamente propostas curriculares



de história para a educação básica: tem havido uma valorização das disciplinas que fazem isso; reconhecemos a importância da vivência do professor da Licenciatura em história como professor na Educação Básica; o próprio desenvolvimento da Ed. Histórica como campo de pesquisa tem ajudado a construir uma consciência maior deste item nos cursos de Licenciatura em história; há necessidade de um estreitamento nas relações da universidade com a escola; a realização deste item está relacionada com o professor que dá a disciplina; prática como componente curricular – relação do conteúdo com a escola (MACEDO, 2009).

Macedo (2009), defende ainda que ao desenvolver estratégias de ensino que beneficie a criatividade, a construção, a autonomia e a flexibilidade do pensamento historiográfico dos educandos, de forma que possa

[...] buscando trabalhar com mais ênfase nos conceitos do que nas técnicas, fórmulas e algoritmos; perceber a prática docente de história como um processo dinâmico, carregado de incertezas e conflitos, um espaço de criação e reflexão, onde novos conhecimentos são gerados e modificados continuamente; contribuir para a realização de projetos coletivos dentro da escola básica (MACEDO, 2009).

Com base nessas colocações, acredita que os professores de história tem não só a necessidade, mas também a obrigação de possuir as competências e habilidades acima descritas, considerando que os alunos não são cambais para experimentos ou para praticas educacionais abusivas de sujeitos incompetentes.

Considerando as competências apresentas por Perrenoud percebe que o profissional da educação deve ser capaz de realizar esquemas de uso pessoal de um processador de texto ou de criação de fórmulas história que podem ser fundidos com esquemas de ensino de redação, da criação de planilhas originando um esquema mais complexo, relativo o uso de computadores em situações de aprendizado da língua materna e da própria organização diária das suas despesas através de demonstrativos, levando essa realidade para as salas de aula.

Compreendendo, portanto que nenhuma tecnologia existente, poderá surtir efeito sem mediação do professor de história, um profissional que disponha de competência para manipular e mediar os conhecimentos relativos ao uso da tecnologia. Mas esta, para ganhar eficácia, precisa ser confiada a professores cada

vez mais qualificados, com ampla cultura na área das ciências humanas, forte orientação para as práticas reflexivas e capacidade de inovação.

## **CAPÍTULO 2: COMPETENCIA DO PROFESSOR DE HISTÓRIA NO CENÁRIO CONTEMPORANEO**

A sala de aula será o local privilegiado para ocorrer, de fato, a propalada e desejada democratização do ensino. Isto pode ser considerado um consenso entre os professores de história; é preciso colocar à disposição de todos os educando o saber a que apenas a elite dominante tem acesso.

É na sala de aula e por intermédio da competência docente que o educador escolar -professor - vai fazer a mediação ("entrar no meio") competente (crítica, criativa...) entre os educados e os conteúdos curriculares, construindo, assim, de forma sistemática e intencional, a aprendizagem de conhecimentos, atitudes e habilidades nos educandos (FUSARI, 2006).

Nessa perspectiva HIPÓLITO (2010) afirma que:

Hoje em dia, o professor de história não está condicionado somente às controvérsias dos livros didáticos, que não traduzem a realidade nem as perspectivas tanto de professores quanto de alunos, ou aos problemas enfrentados com a remuneração e os crescentes casos de violências cometidas por alunos aos professores, mas também com a multiplicidade de informações jorradas pelos diversos meios de comunicação (HIPÓLITO, 2010).

Percebe-se que nesse início de século XXI, dos educadores tem abordado com mais frequência a necessidade do resgate da competência Profissional docente (técnica).

A esse respeito, Mello (1982, p. 43 apud FUSARI, 2006), comenta o seguinte:

Por competência profissional estou entendendo várias características que é importante indicar. Em primeiro lugar, o domínio adequado do saber escolar a ser transmitido, juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber de modo a garantir que ele seja efetivamente apropriado pelo aluno. Em segundo lugar, uma visão relativamente integrada e articulada dos aspectos relevantes mais imediatos de sua própria prática, ou seja, um entendimento das múltiplas relações entre os vários aspectos da escola, desde a organização dos períodos de aula, passando por critérios de matrícula e agrupamentos de classe, até o currículo e os métodos de ensino. Em terceiro, uma compreensão das relações entre o preparo técnico que recebeu, a organização da escola e os resultados de sua ação. Em quarto lugar, uma compreensão mais ampla das relações entre a escola e a sociedade, que passaria necessariamente pela questão de suas condições de trabalho e remuneração (FUSARI, 2006).

Em outros termos, pode-se afirmar que a definição de competência e habilidade se caracteriza da seguinte forma: comando competente e análise crítica do conteúdo a ser ministrado; perceptibilidade dos objetivos a serem alcançados; (domínio competente dos meios de comunicação a serem utilizados para a mediação eficaz entre o aluno e os conteúdos do ensino” (FUSARI, 2006); deve ainda contar com uma percepção articulada do funcionamento da instituição de ensino em sua totalidade; é preciso inteligência aguçada e crítica dos paradigmas das relações entre educação escolar e sociedade.

Na concepção de Antunes:

Estas, que antes chegavam aos poucos, capazes de serem assimiladas, comentadas e, portanto, mantidas nas lembranças, foram literalmente “atropeladas” por um avanço notável dos meios de comunicação que nos trás de toda parte, a cada segundo, uma infinidade imensa de saberes. O rádio, a televisão, os vídeos, mas ainda muito mais expressivamente a Internet, fizeram com que as informações ganhassem uma nova dimensão e incomensurável volume, alterando de forma substancial o papel da escola e a função do professor (ANTUNES, 2005, p.11)

Cabe observar que a competência do educador não é inata, neutra, dom, mas edificada e acrescentada continuamente durante todo o percurso de sua carreira. Mediante essa afirmação cabe salientar que ela sofre uma metamorfose nos diferentes ocasiões do processo históricos, desde que este profissional esteja comprometido com sua atividade, com seus alunos e com a sociedade na qual atua.

Tudo isso vai variar em decorrência do comprometimento e do nível de consciência desse educador. Por isso Bittencourt (2004, p. 69) defende que a “reprodução de ideologias e do saber oficial imposto por determinados setores do poder e pelo Estado”.

Sendo assim é preciso exigir que tanto a Escola como os profissionais que nela atuam estejam realmente comprometidos com a mediação dos saberes científicos, lingüísticos, sociais, históricos e artísticos, especialmente por aqueles alunos que pertence às maiores camadas da sociedade que não dispõe de outros meios para adquirir tais conhecimentos.

Para Fusari (2006) a competência do docente deve ser:

[...] uma elaboração histórica continuada. Um eterno processo de desenvolvimento, no qual o educador, no cotidiano do seu trabalho, no exercício consciente de sua prática social da historicidade, vai revendo, criticamente, analisando e reorientando sua competência ("saber fazer bem"), de acordo com as exigências do momento histórico, do trabalho do docente e dos seus compromissos sociais, enquanto cidadão -profissional -educador. Isto significa colocar um fim a uma concepção de competência docente inata, estática, fechada e acabada, estimulando, nos educadores, uma atitude de busca contínua de aperfeiçoamento do seu processo de desenvolvimento pessoal (cidadania) e profissional (trabalho) (FUSARI, 2006).

Portanto, vale evidenciar que a formação continuada dos profissionais da educação é uma obrigação que eles têm que ter consigo mesmo e com os alunos, a Escola e a sociedade que deles dependem.

Acredita-se que quem é mediador do conhecimento tem a obrigação moral de continuar estudando sempre. Pois já se vai longe o tempo em que se acredita que:

[...] a crença ingênua de que, uma vez formado, se estaria eternamente apto para o mercado. Hoje é difícil encontrar alguém que ainda acredite nisso. Os historiadores conhecem as limitações da formação que receberam e a oferta de cursos de capacitação em serviço é cada vez maior justamente porque a procura não pára de crescer. Atualização e aprimoramento são fatores que movem muitos educadores. Mas a busca tem pelo menos outro motivo: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que, segundo convicção disseminada, exigia que todos os professores tivessem diploma de nível superior (FUSARI, 2006).

Confirmando o exposto acima Oliver Mizne citado por Fusari (2006) afirma que a necessidade de continuar estudando não está expresso em nenhuma lei, ou decreto, no entanto o mercado aconselha o diploma. "Para muitos, continuar estudando é um modo de conseguir ou manter o emprego, e não há lei que mude isso".

Nessa concepção Smchidt comenta que:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas em problemáticas (SCHMIDT, 2004, p.54-66).

O estudar para o docente deve ser considerado como uma forma de investir em capacitação a qual não estar sujeita somente a sua iniciativa pessoal. É um responsabilidade que está acessível de várias formas (presencias e virtuais) através de programas de formação continua disponibilizada por instituições entidades civis e privadas, pelos governos Municipais, Estaduais e Federais.

Diante dessa realidade contemporânea, onde muitos questionamentos se fazem a respeito do papel do professor de história, das suas competências e habilidades, uma crise pode abater sobre alguns educadores, surgem aqueles que desistiram e entregaram a toalha.

Outros vão a busca de algum tipo de saída, alguns encontram uma porta de fuga e acabam se acalmando e adequando. Tornam-se repetitivos e previsíveis. Há também aqueles que frente da insatisfação, buscam uma nova atividade profissional mais motivante e transforma as aulas como suplemento, como “bico”.

Segundo Moron (2007, p. 77) as crises tendem a abrir novos caminhos conforme segue:

E encontramos os que nas crises procuram refletir sobre sua vida profissional e pessoal. Tentam encontrar caminhos, reaprender a aprender. Atualizam-se, observam mais, conversam, meditam. Aos poucos buscam uma nova síntese, um novo foco. Começam pelo externo, por estabelecer um relacionamento melhor com os alunos, procuram escutá-los mais. Preparam melhor as aulas, utilizam novas dinâmicas, novas tecnologias. Lêem novos autores, abrem novos horizontes. Refletem mais, ouvem mais. Descobrem que precisam aceitar-se melhor, ser mais humildes e confiantes. E assim, pouco a pouco, redescobrem o prazer de ler, de aprender, de ensinar, de viver. Estão mais atentos ao que acontece ao seu lado e dentro de si. Procuram simplificar a vida, consumir menos, relaxar mais. Vêem exemplos de pessoas que envelhecem motivados para aprender e isso lhes dá estímulo para seguir adiante, para renovar-se todos os dias. Tornam-se mais humanos, acolhedores, compreensivos, tolerantes, abertos. Dialogam mais, ouvem mais, prestam mais atenção. Com o assar do tempo percebem que, apesar das contradições, evoluíram muito e redescobriram o prazer de ensinar e de viver (MORON, 2007, p. 76).

Entre os diversos tipos de professores de história há aqueles que burocratizam na profissão, aqueles que se renovam, se transformam em pessoas ricas e abertas, mais humanas.

Percebe que todos esses profissionais possuem as mesmas chances, as vezes os mesmos alunos. No entanto o que o faz ser diferente são as

transformações efetivada por eles que ao invés de se esconderem vão atrás dos seus objetivos e produzem verdadeiras maravilhas com as mesmas condições que os demais que não conseguiram se que se auto-realizar.

Quando se trata das questões que levam uns educadores, nas mesmas condições, nas mesmas escolas, com os mesmos salários e com as mesma escolas a se auto-realizarem, atraindo os alunos e realmente efetivando um processo de ensino-aprendizagem e outros não, uma serie de questionamentos e possibilidades se manifesta conforme analisa Moron (2007, p. 78) a seguir:

Não há uma única forma ou modelo. Depende muito da personalidade, competência, facilidade de aproximar e gerenciar pessoas e situações. Uma das questões que determina o sucesso profissional maior ou menor do educador é a capacidade de relacionar-se, de comunicar-se, de motivar o aluno de forma constante e competente. Alguns professores conseguem uma mobilização afetiva dos alunos pelo seu magnetismo, simpatia, capacidade de sinergia, de estabelecer um *rapport*, uma sintonia interpessoal grande. É uma qualidade que pode ser desenvolvida, mas alguns a possuem em grau superlativo, a exercem intuitivamente, o que facilita o trabalho do historiador (MORON, 2007, p. 78).

Para facilitar o trabalho o educador deve estabelecer vinculo, mostrar seu interesse por aqueles que são seus alunos. Por isso Moron (2007, p. 78) diz que o professor de história de sucesso nunca se preparou para vivenciar o fracasso.

[...], mas para o sucesso nos seus cursos. Preparam-se para desenvolver um bom relacionamento com os alunos e para isso os aceitam afetivamente antes de os conhecerem, se predispõem a gostar deles antes de começar um novo curso. Essa atitude positiva é captada consciente e inconscientemente pelos alunos que reagem da mesma forma, dando-lhes crédito, confiança, expectativas otimistas. O contrário também acontece: professores que se preparam para a aula prevendo conflitos, que estão cansados da rotina, passam consciente e inconscientemente esse mal-estar que é correspondido com a desconfiança dos alunos, com o distanciamento, com barreiras nas expectativas. É muito tênue o que fazemos em aula para facilitar a aceitação ou provocar a rejeição. É um conjunto de intenções, gestos, palavras, ações que são traduzidos pelos alunos como positivos ou negativos, que facilitam a interação, o desejo de participar de um processo grupal de aprendizagem, de uma aventura professor historiador (desejo de aprender) ou, pelo contrário, levantam barreiras, desconfianças, que desmobilizam (MORON, 2007, p. 78).

Na concepção de Moron (2007, p. 78) o profissional de sucesso tem algumas dependências conforme segue:

O sucesso historiador depende também da capacidade de expressar competência intelectual, de mostrar que conhecemos de forma pessoal determinadas áreas do saber, que as relacionamos com os interesses dos alunos, que podemos aproximar a teoria da prática e a vivência da reflexão teórica (MORON, 2007, p. 78).

É preciso haver coerência entre o que o educador fala e o que realiza, na vida é um aspecto relevante para o sucesso didático do historiador. Se um educador une a habilidade e competência intelectual, a ética e a emocional ocasiona um profundo impacto nos discentes.

Pois cada aluno estará sempre muito atento ao profissional professor, não necessariamente ao que fala. Pois acredita que os sujeitos falam além das palavras. A união da fala conveniente com o indivíduo coerente é importante didaticamente.

Pois isso é imprescindível o domínio da técnica de comunicação, conforme se verifica:

As técnicas de comunicação também são importantes para o sucesso do professor. Um professor que fala bem, que conta histórias interessantes, que tem *feeling* para sentir o estado de da classe, que se adapta às circunstâncias, que sabe jogar com as metáforas, o humor, que usa as tecnologias adequadamente, sem dúvida consegue bons resultados com os alunos. Os alunos gostam de um *professor que os surpreenda*, que traga novidades, que varie suas técnicas e métodos de organizar o processo de ensino-aprendizagem (MORON, 2007, p. 79).

O processo de ensino e aprendizagem é complexo especialmente pela longa distancia que une o adulto professor e jovem aluno.

A esse respeito Moron (2007, p. 79) afirma que:

Por outro lado, essa distância nos torna interessante, justamente porque somos diferentes. Podemos aproveitar a curiosidade que suscita encontrar uma pessoa com mais experiência, realizações e fracassos. Um dos caminhos de aproximação ao aluno é pela comunicação pessoal de vivências, histórias, situações que o aluno ainda não conhece em profundidade. Outro é o da comunicação afetiva, da aproximação pelo gostar, pela aceitação do outro como ele é e encontrar o que nos une, o que nos identifica, o que temos em comum (MORON, 2007, p. 79).

O modo de o professor tratar e relacionar com seus alunos é o ponto de partida para que seja ou não um educador de sucesso.

Segundo Moron (2007, p. 79) explica que:



Um professor que se mostra competente e humano, afetivo, compreensivo atrai os alunos. Não é a tecnologia que resolve esse distanciamento, mas pode ser um caminho para a aproximação mais rápida: valorizar a rapidez, a facilidade com que crianças e jovens se expressam tecnologicamente ajuda a motivar os alunos, a que queiram se envolver mais. Podemos aproximar nossa linguagem da deles, mas sempre será muito diferente. O que facilita são as entrelinhas da comunicação lingüística: a entonação, os gestos aproximadores, a gestão de processos de participação e acolhimento, dentro dos limites sociais e acadêmicos possíveis (MORON, 2007, p. 79).

Nessa perspectiva não se espera que o educador seja perfeito, basta que seja um profissional interessado e dedicado ao que se propõe fazer.

Por isso Moron (2007, p. 79) declara que:

[...] Fará um grande trabalho na medida em que se apresente da forma mais próxima ao que ele é naquele momento, que se “revele” sem máscaras, jogos. Quando se mostre como alguém que está atento a evoluir, a aprender, a ensinar e a aprender. O bom educador é um otimista, sem ser “ingênuo”. Consegue “despertar”, estimular, incentivar as melhores qualidades de cada pessoa (MORON, 2007, p. 79).

Os alunos entrevistados relatam que gosta da professora de história, porque ela sabe ensinar e eles conseguem aprender. Outros informam que gostam da professora de história que é uma super pessoa, sabe como ensinar e os conduzem na imaginação ao passado como se eles fossem um personagem da mesma. Há ainda aqueles que disseram gostar do professor de Português, pois é uma matéria que envolve faz ter curiosidade para desvendar os saberes.

### **CAPÍTULO 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A coleta de dados foi realizada nas estaduais localizada no centro do município de Tangará da Serra – MT, através da aplicação de questionário para os professores de história que atuam nas séries finais do ensino fundamental e do ensino médio.

Primeiramente foi aplicado o questionário-piloto em uma escola municipal para dois professores de matemática no mês de fevereiro de 2010, e após uma breve análise, algumas alterações foram feitas.

No mês de maio de 2010 foi realizada a coleta de dados, o questionário foi aplicado para 13 professores de história em quatro escolas estaduais, sendo que 12 professores contribuíram para a realização desta pesquisa.

Os professores que participaram da coleta de dados apresentaram o seguinte perfil:

- Quanto à idade constatou que 16,67% têm menos de 30 anos de idade, 33,33% têm entre 30 a 40 anos, 16,67% possuem idade que varia de 41 a 50 anos de idade e 33,33% tem mais de 51 anos.

- De acordo com os dados obtidos 75% dos professores de história são do sexo feminino e 25% do sexo masculino.

- Os dados apontam que 16,67% são interinos, 75% são efetivos e 8,33% não responderam a essa pergunta.

- Quanto à formação verificou que 8,33% dos professores possuem licenciatura curta em história, 83,33% possui licenciatura Plena em história, e destes 41,67% possui Especialização em história, sendo que 8,33% possuem Especialização em Psicopedagogia.

Analisando as informações coletadas podemos concluir que o professor de história, a licenciatura, é toda como um curso de formação terminal, dada a pequena porcentagem de profissionais com Especialização na área. Nesse contexto é cabível afirmar que nos casos específicos dos professores de história necessitam de uma formação continuada, pois a tecnologia vem se apresentando com novidades a cada

dia. O que era metodologia de ensino aceitável a alguns anos hoje pode não ser mais.

Dos professores questionados 75% trabalham em mais de uma escola e 25% apenas em uma escola. Sendo que 16,67% têm carga horária de 21 a 30 horas semanais em sala de aula, 50% têm entre 31 e 40 horas semanais, e 33,33% tem mais de 40 horas semanais. Além disso, 66,67% possuem uma carga horária inferior a 10 horas para planejamento, 33,33% possuem de 10 a 20 horas semanais para realização do planejamento.

Constatou-se que 8,33% dos entrevistados realizam o planejamento de ensino em conjunto com outros professores, 91,67% fazem individualmente, sendo que 16,67% destes afirmam que às vezes, mas raramente fazem em conjunto.

É nessa perspectiva, que é necessária a compreensão da dinâmica das concepções, verificando como elas ocasionam e como se modificam, pode fornecer informações que demonstre os fatores que influenciam na decisão dos sujeitos para se tornarem professores.

No entanto essa realidade se apresenta tempos depois como uma carreira cheia de desafios, antes ignorados, entretanto é preciso superá-los e investir em si mesmo como profissional. Especialmente por que nesse cenário contemporâneo os cursos de aperfeiçoamento e de formação continuada estão disponíveis e acessíveis a todos os historiadores.

Para os profissionais que alegam falta de tempo para o investimento em sua formação continuada, os cursos de aperfeiçoamento, especialização a distância tem se mostrado como uma excelente oportunidade.

Por sua vez, acreditar numa formação que proporcione a emancipação do educador enquanto profissional implica conhecer o que ele compreende por história e como a relaciona com as demais áreas. Essa interação nos mostra aspectos contemporâneos na sua tradição e que estão enraizadas na sua cultura histórica de formação, onde o professor sabe tudo e não se questiona.

Na verdade, é preciso normatizar esta configuração de informação e ponderar os contornos alternativos de formação estimulada e motivada pela reflexão das condições disponíveis, acatando a diversidade existente e reconhecendo que o

educador não é o dono do saber, mas o mediador para aquisição do conhecimento, para isso ele precisa estar preparado, atualizado e motivado.

Quanto as competências necessários ao professor de história. 50% dos entrevistados defendem que esse profissional tem que ser acima de tudo crítico, para conseguir fazer os alunos perceber a real história por traz das entrelinhas. 30% defendem que os professores de história deve ser acima de tudo bons leitores e manterem-se atualizados, os demais 20% não responderam essa questão.

Em discussões posteriores esses professores explicaram com maiores detalhes o que consideram competência e habilidade necessárias ao profissional que atua na área de história do ensino fundamental e médio.

A professora Ângela comentou que na sua visão é essencial saber organizar suas aulas e a apresentação dos conteúdos. Pois segundo ela “é comum, ainda hoje encontrar em determinadas escolas profissionais de todas as áreas que não consegue fazer um planejamento com inicio meio e fim, por isso utiliza-se apenas o livro didático para ler em sala de aula com os alunos, o que é inadmissível.”

O professor Raimundo de França Sobrinho destacou a necessidade do educador da área de história ter condições de estimular os alunos para que estes se tornem sujeito críticos e preparados para o mundo. Segundo ele no período noturno os alunos estão quase sempre cansados, desmotivados e preocupados com as obrigações de trabalho e coma própria família. “Se professor não for capaz de motivar e envolve-los, destacando que nem tudo é o que parece ser. Demonstrando que a história tem outras faces, e a realidade depende muito de qual delas vocês observa”, comenta o professor.

O professor Josué Matos falou da necessidade do educador da área de história ter capacidade de envolver os alunos num processo de ensino e aprendizagem relacionado com o contexto histórico do presente e do passado.

A professora Ruth lembra que o professor de história deve conduzir os alunos num processo evolutivo capaz de gerar um aprender por prazer.

Quanto a relevância do ensino superior aos professores de história, a totalidade dos entrevistados defenderam que esta é imprescindível já que nos dias atuais quanto maior for a qualificação profissional maior será o campo de atuação e

a possibilidade desse educador estar preparado para enfrentar todos as tempestades que possa ter que suportar durante sua carreira.

## 5 CONCLUSÃO

Considerando os questionamentos que levou a efetivação dessa monografia, percebe que a educação tem sido conduzida de acordo com as ideologias dominantes que detêm o poder. Nesse sentido, os rumos do ensino são definidos conforme os valores que se pretendem alcançar com ações educativas, cabendo ao professor de história dispor de condições e competências para superar os entraves e se mostrar capaz de edificar sua atuação, através de ações condizentes com o processo de quem ensina, mas também aprende, possibilitando o educar, através da própria educação que deve ser continuada.

Nesse sentido, se o objetivo maior da escola for o de formar verdadeiramente o aluno-cidadão consciente e de papel histórico frente aos acontecimentos sociais, políticos e históricos como está preconizado nos PCNs, diretrizes gerais para o ensino fundamental adotado pelo MEC no atual governo, torna-se de extrema importância adotar uma postura de formação continua com base nos atos de ensinar a aprender, considerando as transformações sociais e as necessidades dos alunos, na sociedade contemporânea e globalizada.

Quanto à problemática nessa monografia verificou-se que entre as competências e habilidades necessárias ao professor de história na visão dos entrevistados, incluía a precisão de:

- Saber organizar suas aulas e a apresentação dos conteúdos;
- Ter condições de estimular os alunos para que estes se tornem sujeito críticos e preparados para o mundo;
- Ter capacidade de envolver os alunos num processo de ensino e aprendizagem relacionado com o contexto histórico do presente e do passado.
- O professor de história deve conduzir os alunos num processo evolutivo capaz de gerar um aprender por prazer.

Nesse sentido constata que essa possibilidade de transformar a ideologia de ensino perfeito, precisa acontecer através da formação do educador que necessita estar preparado para enfrentar os desafios, reconhecendo que seus alunos não são

os ideais, mas essa é a realidade e esse profissional precisa aprender a lidar com isso e conseguir resultados que são serão possíveis através da aquisição de conhecimento atuais e capazes dar suporte a verdadeira eficácia no processo de ensino aprendizagem.

Realizar essa monografia significou refletir sobre a realidade, as limitações e dificuldades vivenciadas pelos educadores, bem como pensar no que eu, como futura profissional da educação posso fazer de diferente, o que realmente será importante para mim quando estiver exercendo essa função.

## 6 REFERÊNCIAS

ANTUNES Celso, *Como transformar informação em conhecimento*, 5.ed., Petrópolis, Vozes, 2005.

BITTENCOURT, Circe “Livros didáticos entre textos e imagens”, In:, Circe Bittencourt (org.), *O saber histórico na sala de aula*. 9 ed., São Paulo, Contexto, 2004

FUSARI José Cerchi. **A Formação Continuada de Professores no Cotidiano da Escola Fundamental**. São Paulo: USP, 2006.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

HIPÓLITO, Paulo. Reflexões acerca do ensino de história em sala de aula: professor, prática pedagógica, aluno e livro didático

LAKATOS, Eva Maria MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2004

MACEDO, I. **Competências e habilidades: Elementos para uma reflexão pedagógica**. EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM): Fundamentação Teórica- Metodologica. Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B933053A-7FCB-43EC-B99F-....>  
Acesso em: 19 de maio de 2009.

MARCONI, M.A., LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 2 ed. Atlas 1990.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PRIMI, R. *et al* **Competências e Habilidades Cognitivas: Diferentes Definições dos Mesmos Construtos**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Mai-Ago 2001, Vol 17, n. 2, PP. 151-159.



VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. São Paulo: Papirus, 2007

## **APÉNDICE**

## APÊNDICE A – Nome do apêndice A

### APENDICE A – Questionário de coleta de dados

1) Qual é sua idade?

menos de 30 anos.

de 30 à 40 anos.

de 41 à 50 anos.

mais de 51 anos.

2) Sexo:

feminino       masculino

3) Qual é o seu vínculo com a escola:

efetivo       interino

4) Qual é a sua formação?

Licenciatura curta em história

Licenciatura Plena em história

Especialização em história

Estudante do curso de \_\_\_\_\_

5) Você trabalha em mais de uma escola?

sim       não

6) Qual é a sua carga-horária semanal em sala de aula?

menos de 15

15 à 20

21 à 30

31 à 40

mais de 40

7) Como é construído o planejamento das atividades de ensino?  
( ) individualmente ( ) em conjunto com outros professores

7 Na sua opinião quais competências o professor de história deve possuir?

---